

SEGUNDA PARTE

O cinema na escola.

I

Proêmio

Foi há vinte e cinco anos. Ainda eu era estudante, quando pela primeira vez se desenrolou perante os meus olhos estupefactos a interessantíssima projecção animada.

Fiquei verdadeiramente assombrado. Nunca um espectáculo público me prendera tanto a atenção, me despertara tanto interêsse.

Lembro-me perfeitamente de ver passar nessa sessão para mim memorável, entre outros, um «film» geográfico—«De Jafa a Jerusalém»—cuja visão se me gravou tão profundamente no cérebro que jamais a esquecerei. Há tanto tempo já e ainda parece que estou vendo correr no «écran» os campos áridos da Palestina!

A impressão recebida foi tão alegre, tão viva, tão penetrante, pela magia do imprevisto, pela realidade do movimento, que perdurou na memória.

Depois disso, quantas fitas interessantes de

assuntos educativos ou de ficção, que tenho visto em teatros e em conferências, não me seria dado hoje relembrar!

Mais do que os livros, depois das viagens, as visões animadas teem-me levado a conhecer os mais diversos lugares da Terra, de polo a polo; teem-me ensinado a história antiga e moderna, pela reconstituição aproximada de guerras e de outros factos importantes; teem-me revelado muitos progressos da sciência; teem-me, enfim, patenteadado as inúmeras manifestações da vida social das diferentes raças do globo. Atendendo ao vasto campo da exploração do cinema, não é para admirar que ofereça tanta variedade, que abranja tantos assuntos, que, bem conduzidos, se podem converter num poderosissimo factor da educação dos povos.

Ninguém pode negar que esta maravilhosa invenção representa uma excelente escola, uma importante fôrça educativa, que o pedagogo não deve desprezar.

* * *

Apaixonado pela Arte, como sempre tenho sido, desde há muito que eu fazia tenção de cultivar a cinematografia, como já cultivava a pintura e a fotografia, se, por acaso, me visse um dia com recursos bastantes para o fazer. Porquanto, como o leitor deve presumir, os aparelhos são caros e os «films» muito dispendiosos.

Esse dia chegou, enfim. Há dois anos a esta parte, (1921) quando me achava em Macau, dispondo de algumas economias entreguei-me ao estudo do assunto, concluindo que podia produzir «films», como aspirava. E tornei-me assim amador do cinema.

Com efeito, tendo adquirido uma esplêndida câmara para apanhar as vistas animadas, um projector de sala para as experimentar, e o material necessário para preparar os negativos e os positivos no meu pequeno laboratório de amador, converti o meu pensamento em acção, pondo em prática, nas minhas horas vagas, os conhecimentos teóricos que havia bebido em revistas e livros da especialidade que possuo, escritos em francês, inglês e alemão.

Desta maneira, pude firmar alguns aspectos curiosos de Macau, preparando uma fita natural, que já tive o prazer de ver exibida não só na colónia mas até em animatógrafos de Lisboa e Pôrto, onde os espectadores puderam observar as belezas, costumes e importância daquela nossa remota possessão do Extremo-Oriente.

Regressando de Macau ao Estado da India, o ano passado, aproveitei a ocasião para também filmar vários aspectos e monumentos históricos da colónia, incluindo a heróica Fortaleza de Diu.

Apesar de prejudicada pela demora da viagem e por outras circunstâncias, essa fita, quando for exibida, algo de curioso patenteará aos olhos dos estudiosos que só conhecem a nossa India pelas descrições dos livros.

Finalmente continuando com entusiasmo a dedicar-me a essa utilíssima arte, tenciono produzir mais «films», não no género da comédia e do drama explorados pela gente do teatro para o grande público (que só aprecia o espectáculo cinematográfico como divertimento e não como meio de educação) mas com o carácter documental e educativo, destinado especialmente a instruir os alunos das escolas.

II

O « film » documental

Quando bem orientado, o espectáculo cinematográfico representa um belíssimo meio de educação dos povos.

Bem sei que não é apenas a fita natural, o *film* histórico ou científico, que atrai ao teatro o grande público. O espectador gosta que lhe falem à imaginação; deseja que a exibição a que assiste lhe desperte emoções fortes, como aquelas que sente ao ver os actos de agilidade e coragem dos *cow-boys* americanos.

Todavia, se o programa do espectáculo fôr entremeado de fitas dramáticas, cómicas, históricas, industriais ou de actualidades, o espectador não se agasta e recebe com isso, sem dar por tal, uma excelente lição.

Efectivamente, o espectáculo cinematográfico pode ser extremamente variado. No curto espaço duma sessão o espectador passa por diferentes emoções: umas alegres, outras tristes, mas tôdas elas impressionantes para o seu espírito curioso. A um drama sucede-se uma comédia; a uma comedia uma fita natural. E assim, alternadamente, passa-se no *écran*, tão depressa duma paisagem a um interior, como da brilhante luz duma marinha à penumbra dum bosque; mal finda o enlêvo duma scena de amor, logo a alma vibra sacudida por um acto de coragem; acaba-se de presenciar um rasgo de generosidade para imediatamente se descortinar um vislumbre de intelligência; deixa-se de

ver os tópicos da reportagem mundial, para se observar em seguida, as maravilhas da ciência aplicada.

Desta maneira, sob a accção de tão fortes e interessantes impressões visuais, o complicado mecanismo psico-fisiológico do individuo não pode deixar de vibrar, de operar profundamente no seu íntimo as correspondentes reacções educativas.

Há movimentos que escapam à nossa retina, já pela sua extrema rapidez, já pela sua grande lentidão. Mas, devido aos *trucs* de que o operador se serve para os apanhar, o cinema apresenta-nos tais movimentos com precisão e nitidez.

Na verdade, a cronofotografia tem-nos revelado coisas espantosas.

Ainda há pouco observei a exhibição duma fita natural, onde apareciam exercícios de patinagem nos gelos da Suécia. Com a velocidade regular, êsses exercícios eram interessantes, não há dúvida, mas não pareciam extraordinários.

Quando, porém, se repetiram, em seguida, com relativa lentidão, mercê do *truc* da manivela da câmara que as apanhara, ei-los que se tornam, perante os nossos olhos estupefactos, em exercícios belos, admiráveis, prodigiosos! É que a beleza do equilíbrio, a elegância dos saltos do patinador, que antes mal se notavam, revelavam-se agora perfeitamente, facilitando-nos a observação.

Ora, a incontestável superioridade da cronofotografia, para o estudo das fases sucessivas do movimento, patenteia-se, sobretudo, quando, por exemplo, em virtude do movimento muito rápido da fita durante a filmagem, podemos examinar

depois, na exhibição, os movimentos cadenciados das asas dum insecto, correspondentes a muitos milhares por segundo; movimentos tão rápidos no estado natural que se nos afigura que as asas estão imóveis! Ou quando vemos, nalguns instantes, crescer e desabrochar uma flôr, cujo desenvolvimento natural levou muitos dias a fazer-se, o que seria inteiramente despercebido para nós, se não fôra a perícia e a paciência do operador, em fotografar diáriamente as diferentes fases desse movimento.

A mesma aplicação da cinematografia científica tem auxiliado os estudiosos na solução de certos problemas muito complicados de mecânica.

Quem pode ver o trajecto duma bala de pequeno calibre, ao ser expelida por uma bôca de fogo?

Pois êsse movimento, movimento rapidíssimo, que a nossa vista jámais pode alcançar, é facilmente apanhado pela fotografia. E assim se consegue com o cinema estudar devidamente a trajectória dos projecteis, a vibração das pontes e outros movimentos análogos.

Graças ao cinema também facilmente se pode estudar a vida dos seres microscópicos, a formação dos cristais nas soluções salinas e outros fenómenos semelhantes, imperceptíveis ao nosso órgão visual.

Depois, temos o *film* histórico que será para a posteridade um belo estudo do passado, uma perfeita evocação da vida das gerações que desapareceram.

Que dirão os vindouros, daqui a mil anos, ao contemplar as fitas da Grande Guerra, como o célebre desfile da vitória, em 14 de Junho de 1919, nos Campos Elísios, êsse grande *film* que a casa Gaumont apanhou com as côres naturaes?

Se entre as maravilhas recentemente encontradas no túmulo de Tut-Ank-Amen houvesse uma fita que permitisse reconstituir a vida dos faraós no antigo Egito...

É, portanto, incontestável o valor do «film» *documental* como auxiliar do educador.

Sabe-se que uma fita representativa duma ficção dramática, ou duma comédia, tem, quasi sempre, uma duração efémera. Depressa cai no esquecimento.

O «film» *documental*, não. A sua acção é sempre nova. Perdura. Tem sempre actualidade, porque guarda indefinidamente a sua importância, quer o assunto seja histórico, quer seja científico.

Podem, muito embora, mudar, com o decorrer do tempo, os processos das artes ou das indústrias.

Mesmo assim, o «film» *documental* não perderá a sua oportunidade. O estudo dos progressos da ciência precisa de conhecer a evolução que se houver operado. E a evolução só será bem conhecida quando tôdas as suas fases se tiverem registado devidamente.

III

O « film » geográfico

A melhor forma de conhecer a Terra consiste em viajar.

Mas as viagens longas tornam-se muito caras e nem todas as pessoas dispõem de dinheiro bastante para as poder realizar.

Por outro lado, as descrições das viagens, por mais « fotográficas » que sejam, estão muito longe de nos fazer ver as coisas como realmente elas são.

Só o cinema, com os *films* geográficos, é que nos pode dar a ilusão de estarmos viajando, por terra ou por mar, a observar a vida de estranhas paragens, tendo nós, para mais, a grande vantagem de assim correr o mundo, por uma ridícula de dinheiro, cómodamente sentados num *fauteuil*, sem enjôos, sem o risco de sermos roubados em terra alheia, sem o perigo, enfim, dos naufrágios dos navios nem dos descarrilamentos dos combóios...

Os *films* geográficos, de viagens e de aventuras, estão, pois, indicados como o melhor método para o ensino da geografia na escola.

O sucesso alcançado pelos *films* geográficos provém da atracção que todos nós sentimos para conhecer as regiões longíquas, para desvendar o mistério do desconhecido.

Quando outrora estudei geografia, pelos processos rotineiros, banais e abstractos dos livros e das

cartas, nunca a minha atenção se fixou, duma maneira viva, sobre êste ou aquele ponto do Glôbo.

E' certo que, lendo as brilhantes descrições dos romances de Júlio Verne, os livros de Pedro Loti e outras histórias de viagens maravilhosas, com as respectivas gravuras, pude fazer melhor idea das diferentes partes da Terra, mas nunca tive disso uma compreensão cabal nem tão viva que perdurasse na minha memória. Agora, o que eu posso afirmar que tenho presente e que jámais esquecerei é, em primeiro lugar, aquilo que vi nas minhas viagens e, depois disso, o que me revelou o cinema. Sim, pelos *films* geográficos, tenho feito uma idea muito aproximada de certas regiões onde ainda não fui.

Todos os sítios célebres do mundo inteiro teem sido reproduzidos pela fotografia animada, a única que nos pode dar a ilusão da realidade. Ver a exhibição duma bem escolhida colecção de *films* geográficos equivale, portanto, a compulsar um bom tratado de geografia.

Ocorre-me agora à mente o interessante assunto duma fita natural cuja exhibição presenciei num cinema de Hong-Kong. Tratava-se da propaganda da Tasmânia.

Ora, eu sabia, vagamente, pelo mapa, que a Tasmânia era uma ilha, situada ao sul da Austrália. Se não fôra a oportunidade que tive de ver os seus aspectos no cinema é provável que nunca ligasse importância a tão remoto país

Pois bem, o cinema fez-me reter na memória,

apenas nalguns minutos e duma maneira aprazível, mais matéria relativamente a essa ilha, do que o estudo fastidioso de algumas horas num compêndio de geografia.

Com efeito, o *film*, levando-me através da cidade de Hobart, mostrou-me que a capital da Tasmânia era já uma cidade muito progressiva, com magníficos palácios, grandes estabelecimentos comerciais, carros eléctricos, polícia fardada, etc.; um grande cartaz afixado num muro provava a intensa propaganda que a Inglaterra fêz nos seus vastos domínios para promover a mobilização de soldados para a Grande Guerra. Depois, transportando-me aos campos, apresentou-me, a par de lindas paisagens e de formosas cascatas, as culturas privativas da região, patenteando, assim, não só as belezas naturais da ilha, mas ainda o grande desenvolvimento da sua agricultura.

O *film* geográfico não pode deixar de interessar as crianças, já por o assunto se afastar da banalidade de todos os dias, já pela magia que elas encontram na realidade aparente das coisas.

Vendo a água correr nos rápidos dos rios caudalosos, as ondas quebrarem-se nos rochedos das costas escarpadas, a brisa a agitar as folhas das árvores frondosas, os homens e os animais movendo-se nas manifestações infinitamente variadas da sua existência, o espectador sente-se arrebatado para aquelas paragens, interessando-se sôbremeiramente, pela observação das mesmas.

Ora, se o interêsse é, como se sabe, a maior avalanca da educação, deve-se, acaso, desprezar o

cinema para o ensino da geografia ?

O prazer do turismo é apanágio dos ricos. Só eles é que, mercê do dinheiro, teem podido gozar as delícias de longas viagens, com todo o confôrto.

Hoje em dia, porém, graças ao cinema, o pobre também pode compartilhar, a seu modo, dêsse prazer, perante os *films* geográficos.

Efectivamente, um *film* pode conduzir-nos a Paris e mostrar-nos os grandes *boulevards*, a Torre Eiffel, o Trocadero, o Arco de Triunfo nos Campos Elisios, o Sena com as suas formosas pontes, Versailles com o seu magnifico palácio e o seu Parque encantador, decorado por soberbos jogos hidráulicos. Outro introduz-nos em Roma, a cidade eterna, e apresenta-nos o Vaticano, o Coliseu, o Capitólio, a Rocha Tarpeia. Outro leva-nos à Índia, fazendo-nos passar pelo Canal de Suez, aberto nos extensos areais do deserto, patenteando-nos Bombaim com a sua carnavalesca multidão de raças diversas, com trajas diferentes, mostrando-nos Benares, a cidade santa dos hindus, com o banho sagrado no Ganges. Outro transporta-nos através das florestas de Ceilão, pondo-nos à vista a exuberante flora tropical da famosa ilha, as novas plantações da borracha (*ficus elástica*). Outro faz-nos passar pela China e visitar o Pagode dos Quinhentos Génios, em Cantão, o Templo do Céu, em Pequim. Outro faz-nos navegar em volta do Japão, admirando as suas mágicas paisagens, avistando os flancos nevados do Fusi-Iama. Outro conduz-nos através das pampas da Argentina, para admirar as suas infinitas manadas. Outro põe-nos no Egito, para contemplar as antiqüissi-

mas Pirâmides e a Esfinge. Outro transplanta-nos para as regiões polares, patenteando-nos os países das focas e dos esquimaus.

Seria um nunca acabar...

o

E' já por si bastante interessante a leitura de expedições longinquas, como interessantes são as descrições dos exploradores.

Não admira que o público goste, portanto, das fitas naturais ou de ficção, onde figurem as aventuras.

Nessa ordem de ideas, as companhias produtoras de *films*, explorando simultâneamente o gôsto romanesco e interêsse pelas viagens, teem produzido fitas com entrecchos impressionados nos pontos mais pitorescos do Glôbo.

«A Policia Aérea» é, por exemplo, uma peça de aventuras que se desenrola nos rochedos do *Grande Canion*, de Arizona, na América do Norte, mostrando-nos assim, durante a acção dramática, essas maravilhas da Natureza, de que os *yankees* tanto se orgulham.

Nas «Garras do Dragão» é outro *film* cujo enredo emocionante começa na Califórnia; atravessa o Pacífico, exhibindo a vida dos turistes a bordo dum grande e luxuoso paquete; percorre os sítios mais pitorescos do Japão apresentando-nos entre outras, as paisagens de Nicó e o colossal Buda de Nara; visita os principais pontos recomendados pelo turismo, na China, levando-nos junto da Grande Muralha, aos labirintos do antigo palácio imperial, em Pequim, à torre de Porcelana, em Nanquim; entra nas Filipinas onde nos patenteia

os benefícios da colonização americana, juntamente com scenas inéditas da vida indígena nos pontos mais encantadores do arquipélago ; e, depois dêste «tour» muito instrutivo, termina onde começou, na América.

Tive ocasião de ver em Macau, de passagem, como turistas, os actores dêste magnífico *film*, onde se destacava o nome da famosa «estrela» de animatógrafo Maria Walcamp, tendo ocasião de admirar, mais tarde, nos animatógrafos daquela cidade, a fita com o belo trabalho da companhia, fita que já andava correndo mundo.

Como fitas de aventuras de exploradores são célebres, entre outros, os *films* do americano Martin Johnson, que impressionou, com risco da própria vida, scenas de canibalismo das tribus selvagens, na ilha de Malékula, próximo da Nova Guiné. A descrição desta aventura do arrojado explorador tive ocasião de a ler em brilhantes crónicas, escritas pelo mesmo, na revista americana «Asia». Este explorador também produziu há pouco um *film* onde impressionou caçadas muito arriscadas às feras, nos sertões misteriosos da Africa, para onde, segundo noticiam as revistas cinematográficas americanas, volta em breve, a fim de *filmar* a vida dos animais selvagens. Nas suas perigosas expedições, Martin Johnson tem sido sempre acompanhado pela sua jovem espôsa, uma corajosa americana que deseja compartilhar dos perigos do marido, para, ao mesmo tempo, gozar o prazer das aventuras.

Talvez mais interessante do que as fitas de aventuras, já citadas, seja o *film* da expedição de Shackleton ao polo sul.

Quando essa expedição foi reconstituída no *écran*, o público acorreu ansioso à exhibição, du-

rante meses sucessivos. Nunca, dizia a imprensa, um *film* geográfico despertara tanto interêsse. E' que o *film* em questão punha perante os nossos olhos essas regiões misteriosas, de difficil acêso, onde os homens lutam terrivelmente, sem cessar, contra os elementos, arrostando os maiores perigos. A odissea dos exploradores, nas suas peregrinações pelas geleiras e ao abandonar o navio *Endurance*, que grandes massas de gêlo tritura-vam, é comovente, contém um alto ensinamento, que o *film* apresenta numa série de quadros bem reais, mas que mais parecem ficções de fantástica originalidade !

Se os homens sentem tanto interêsse por *films* desta natureza, é inegável o seu valor educativo. Cumpre, por isso, aos professores aproveitá-los nas escolas, como valiosos factores que são do ensino da geografia.

IV

O «film» histórico

Existem já nas nações civilizadas arquivos de *films* históricos, destinados a guardar coleções de fitas de animatógrafo relativas aos grandes acontecimentos.

O cinema será, pois, para as gerações futuras o melhor monumento histórico dos factos importantes sucedidos desde o aparecimento da genial invenção de Edison e Lumière.

Com efeito, mais tarde, por meio da fotografia animada, poder-se há estudar facilmente tudo o que de grandioso a História está registando: os acontecimentos da Grande Guerra; as figuras políticas eminentes que bem ou mal dirigiram os destinos das nações, como Wilson, Lenine, Guilherme II e Mussolini; a queda dos governos caducos e a implantação dos novos regimens, como o bolchevismo na Rússia e a república imperial na Alemanha; as obras de arte com que os homens levaram a cabo empreendimentos colossais, como o Canal de Panamá e o projectado Túnel na Mancha; a vida e as invenções dos sábios que revolucionaram as letras e as sciências, como Edison, Pasteur, Gabriel d'Annunzio, Zeppelin, Wund, Marconi, Einsten, etc., etc.

Quantas coisas não passarão assim à posteridade!

Se, por via dos *films* históricos, nós podéssemos reconstituir o passado, como os vindouros poderão rever o presente...

A geografia pode ser, como já demonstrei, ensinada, com grande vantagem, por meio do cinema.

Pois bem, se o *film* geográfico tem uma importância capital para o ensino da geografia, o *film* histórico não a tem menor para o conhecimento da história.

Eu bem sei que, em virtude de a arte cinematográfica se achar ainda, por assim dizer, na juventude, nós não podemos empregar actualmente, no ensino da história *films* que representam factos da história antiga, com aquela verdade rigorosa, que seria para desejar, como os nossos descendentes farão relativamente à história contemporânea. Mas poderemos aproximar-nos da verdade, tanto quanto possível, se apresentarmos *films* de reconstituição histórica, rigorosamente estudada e muito bem metida em scena.

Sabe-se que o interêsse do grande público pela acção romanesca das peças históricas, o imprevisto dos costumes antigos e a curiosa indumentária de outros tempos, tem levado as companhias cinematográficas estrangeiras a reconstituir para o cinema os grandiosos acontecimentos de outras eras, de que reza a História.

Ora, eu não discuto se a reconstituição histórica dessas peças se aproxima da verdade. O que, porém, posso afirmar é que o facto reconstituído pelo cinema, falando-nos mais à imaginação do que a simples narração histórica, compreende-se bem e permanece na memória, duma maneira viva, devido às imagens apanhadas pelo sentido da visão, resultado que jámais se alcança com o estudo fastidioso dos livros.

Entre vários *films* históricos cuja acção me ocorre agora, avulta o moralizador entreccho e a

maravilhosa encenação da *Intolerância*.

Efectivamente, como *film* de reconstituição histórica, a *Intolerância* é hoje o maior assombro cinematográfico de todos os tempos. Produzido nos *studios* da América do Norte, não se pouparam a estudo, trabalho e despesas, o autor e os arrojados empregários que tomaram a peito a realização do célcbre *film* histórico ; porquanto gastou-se mais dum milhão de dolars para produzir as scenas relativas ao tema escolhido, com a verdade histórica, a meticulosidade etnográfica, e a grandeza de acção que os factos exigiam, percorrendo-se toda a história, desde os tempos mais remotos até aos nossos dias. Assim, desde a conquista de Babilónia por medas e persas, onde além de antiquissimas máquinas de guerra, figuram os costumes religiosos e guerreiros dos súbditos de Baltazar e o seu famoso festim onde mão invisível e misteriosa traçou as três palavras fatidicas — *Mané, Thécel, Pharés*, a que se seguiu a entrada do exército de Ciro na cidade, até à vida de Cristo, à perseguição dos cristãos em Roma, à matança dos huguenotes em França ; de tudo isso e de muitos outros pontos que seria fastidioso mencionar, a reconstituição histórica perpassa no *écran*, viva, estranha, emocionante, desenrolando-se a acção duma maneira assombrosa, cheia de flagrante realidade, perante os nossos olhos estupefactos!

O que chama ao cinema as multidões são, em primeiro lugar, a necessidade de distrair o espírito no meio da contínua labuta pela vida e, depois, o interêsse que o espectáculo teatral sempre desperta no público.

¿ Quão úteis não são, pois, os *films* históricos, como a *Intolerância*, para ministrar ao pòvo excellentes lições de civismo ?

O ano passado, pouco depois de apreciar a *Intolerância*, o público de Lisboa pôde também ver dois episódios célebres da Revolução Francesa, reproduzidos no *écran*.

Num deles desenrolava-se a acção patética da morte de Danton, no cadafalso, devido às intrigas de Robespierre, que, invejoso da sua popularidade, acusara insidiosamente aquele camarada de ser inimigo do povo—a êle, o defensor do povo, o herói da Revolução!—sómente por o tribuno se ter revoltado contra tanto sangue já derramado pelas hienas humanas que constituíam o famoso Tribunal Revolucionário. No outro *film*, em correlação com o primeiro, vê-se outro facto histórico, cujo épílogo foi a execução de Robespierre, no cadafalso, pelo povo, já revoltado contra as perfídias e o despotismo dêste tirano.

Ninguém pode duvidar que *films* desta natureza exerçam uma acção benéfica no espírito do povo, mórmente hoje, em que um egoísmo feroz se opõe ao belo sentimento do altruismo, em que uma onda de grosseria está avassalando o mundo e trazendo à supuração as mais vis e sanguinárias paixões dos homens! São ensinamentos históricos de alto valor social, que se vulgarizam. São exemplos de civismo destinados a imprimir no espírito das gerações actuais, sentimentos nobres e elevados, duma maneira viva, profunda, duradoura. São, enfim, lições de moral e de patriotismo, que os livros não podiam, por certo, divulgar tão fácil e rápidamentee.

Em Portugal, creio que existem já arquivados alguns *films* referentes aos acontecimentos históricos que nos últimos anos se desenrolaram no nosso país.

Quanto à reconstituição histórica, nada se tem

feito, creio eu, a não ser uma ou outra peça teatral, ainda não filmada, cuja publicidade é, por conseguinte, muito restrita e de efémera duração.

Não digo bem, constou-me que uma companhia francesa de cinema esteve, há pouco, em Coimbra, a impressionar o episódio de D. Inês de Castro. Mas que vale isso, se a importância dêste facto pouco mais é do que romanesca?

Temos, indubitavelmente, outros acontecimentos históricos, muito mais importantes sob o ponto de vista social e patriótico. O Descobrimento do Caminho Marítimo para a Índia, o Governo do Marquês de Pombal, as lutas da Liberdade, a Descoberta do Brasil, a Conquista do Oriente, a Primeira Viagem de Circumnavegação, para só falar dêstes, são factos históricos de grande importância política, cheios de brilho, cuja reconstituição no cinema seria, além de espectacular, de alto valor para a educação popular.

Como o leitor vê, a História-Patria pode muito bem ser ensinada, com vantagem inexcedível, por meio do cinema.

Até hoje ainda ninguém, que me conste, quis despendêr, entre nós, um centavo sequer com a produção de *films* históricos, ao passo que, lá fora, tem-se gasto e continua-se a gastar somas fabulosas para os produzir.

Vem a propósito referir-me a uma noticia que acabo de ver nos jornais estrangeiros.

Trata-se dum *film* extraído da célebre peça de Edmond Rostand—*Cyrano de Bergerac*. Só a reconstituição da batalha de Arras deu ensêjo a uma suntuosa « mise-en-scene », em que se empregaram dez mil figurantes, todos êles soldados da Grande Guerra, dois mil dos quais simulavam

o exército francês e os oito mil restantes os atacantes espanhóis. Augusto Glunia, o famoso «metteur-en-scene» italiano, assumindo as funções de general em chefe, procedeu aos exercícios preparatórios de tão numerosas fôrças militares. E foi êle também quem dirigiu todo o prodigioso movimento da batalha, numa vasta planície, perto da escola militar de «Tor di Quinto», nos arredores de Roma. Tudo se passou, empregando-se o telefone e o telégrafo, como se tratasse de uma batalha a valer.

Procedeu-se, é claro, em primeiro lugar, às necessárias investigações históricas e à construção de todas as obras militares, em que interveio um grupo de oficiais do Estado Maior.

Mais de quatro mil metros de película foram impressionados para, afinal, apenas se aproveitarem 250, isto é, o suficiente para reproduzir no *écran* aquela scena episódica, cuja projecção se passa nalguns minutos !

Eu quero crer que havia entre nós vontade de imitar os estrangeiros na produção de *films* históricos e que qualquer emprêsa tomaria a iniciativa de os fazer, se o governo estivesse disposto a auxiliá-la. Mas a incerteza dos lucros que compensem tão grandes despesas, por um lado, e a crise financeira do Estado, pelo outro, impedem evidentemente, que se arrisquem capitais nessa obra patriótica.

Melhores dias virão. Tenhâmos esperança.

Oxalá que êste meu artigo possa chamar a atenção do govêrno para êste problema educativo.

Que um dia apareça um ministro da instrução, com vontade bastante forte, para decretar medidas

antinentes a estimular a produção de uma coleção de *films* que representem os episódios magníficos da nossa história.

Atendendo ao alto fim patriótico que o empreendimento representa tanto para o ensino como para a educação popular todo o sacrifício que para isso se exigisse ao tesouro público seria bem compensado pelos benéficos frutos da divulgação histórica.

V

O « film » pedagógico

O interêsse espiritual é, na opinião do grande pedagogista alemão que se chamou Herbart, o maior factor da educação.

Tornar, pois, a escola atraente, despertando nos alunos o interêsse pelo ensino, deve ser sempre a maior preocupação do educador.

Erradamente procedem os professores que mais se preocupam com a *quantidade* do que com a *qualidade* do ensino que ministram. Quere dizer, vale mais ensinar poucos conhecimentos por processos intuitivos, falando aos sentidos e á inteligência dos alunos, do que armazenar-lhes na memória uma série de regras abstractas e um amontoado de teorias balofas. A instrução neste caso passa fugitiva pela memória; ao passo que naquele solidifica-se no espirito, onde permanece segura para o fim utilitário da vida.

Ora o cinematógrafo, despertando sobremaneira, como desperta, o interêsse das crianças pelo ensino, em virtude do divertimento que elas acham na exhibição, e ainda por lhes falar directamente ao sentido visual e lhes apresentar a natureza com a aparênciã da realidade, representa um meio de ensino maravilhoso, que o professor pode aproveitar não só para ensinar a geografia e a história, mas também para auxiliar o ensino das sciências fisico-naturais, da agricultura, dos trabalhos manuais, do desenho, etc.

Ninguém pode contestar que, desenrolando-se paralelamente à lição do mestre um « film » científico, histórico ou geográfico, se marcam no espirito do aluno impressões muito mais profundas e duradoiras do que com a leitura e as gravuras inertes dos livros. As projecções fixas, não obstante a importância pedagógica que lhes tem sido reconhecida, até essas já estão suplantadas pela fotografia animada, visto lhes faltar o movimento que no « film » é a ilusão da vida.

Objectar-me-hão, talvez, que o animatógrafo tem a inconveniência de prejudicar a vista das crianças ?

Uma idea velha que hoje é apenas sustentada por aqueles que não conhecem os aperfeiçoamentos dos aparelhos de projecção e se tornam por isso eco do que ha vinte anos se dizia, no inicio do cinema, em face das oscilações das imagens no « écran ». Com o desaparecimento de tais oscilações acabou esse perigo, incontestavelmente.

Poderia, é certo, produzir a fadiga óptica, como todo e qualquer exercicio visual, incluindo, já se vê, a leitura, de que tanto se abusa. Mas essa fadiga só se manifestaria se, por exemplo, as crianças assistissem diariamente a sessões cinematográficas muito prolongadas.

Duma maneira geral a película empregada no ensino tem evidentemente a designação de « film » pedagógico.



O genial Edison, descobridor do fonógrafo e um dos inventores do cinema, foi o primeiro pedagogo que teve a feliz idea de aplicar, na edu-

cação das crianças, a fotografia animada, criando « film » para ensinar aos netos a física, a química, a história natural, etc.

—Eu posso ensinar, disse Edison, mais ciência em vinte minutos por meio do cinematógrafo, do que se pode ensinar numa semana com o texto usual dos livros.

Conhecidos os belos resultados desta experiência de Edison, a aplicação das fitas cinematográficas ao ensino generalizou-se rapidamente na América. Existem lá hoje grandes museus de « films » ou, como os americanos lhes chamam, *bibliotecas centrais* para o empréstimo de fitas às escolas, que, é claro, já se acham providas do necessário projector.

O exemplo das escolas norte-americanas foi depressa seguido por outros países, como o Japão, a Itália, a Bélgica, etc.

Quando eu estive na Alemanha, como pensionista do Estado, a estudar pedagogia, desde 1907 a 1909, ainda não se tinha generalizado nas escolas dêsse império o serviço do empréstimo dos « films » pedagógicos. Todavia o ensino já começava a colher os frutos benéficos do cinema; conheci, por exemplo, em Leipzig, um animatógrafo—o *Kosmos Theater*—cujas exhibições constavam especialmente de « films » geográficos e sciêntíficos, sendo as « matinées » frequentadas pelos alunos das escolas, que pagavam uma ridícula pela entrada. Depois o proprietário do animatógrafo, armando em conferente, parolava com ares catedráticos sôbre o assunto da fita que estava correndo. E fazia-o não só nas « matinées » onde iam as crianças, mas ainda nas « soirées » frequentadas por adultos como eu.

A Grécia, já em 1913, fazia na Inglaterra, por

intermédio do Ministro de Instrução Pública, uma encomenda de quatro mil aparelhos de projecção para as escolas e criava uma biblioteca de « films » relativos às sciências e às grandes indústrias.

Em Portugal—triste é dizê-lo—nada se tem feito nesse sentido para o ensino primário. Parece que se tem ignorado ou se finge ignorar nas altas esferas governamentais da instrução que o cinema é um elemento poderoso da educação. Lamentável desleixo!

Se ao menos tivéssemos seguido nisso, como em tantas outras coisas, o exemplo da França, onde o ensino primário tem sido beneficiado com êste precioso agente da instrução, dando às crianças oportunidade de admirar, de tempos a tempos, sítios célebres, as grandes cidades com a sua vida intensiva, a actividade duma fábrica, o trabalho duma mina de carvão de pedra, o movimento dum pôrto de mar, etc. ! Nas escolas francesas já circula para isso material ambulante do cinema.

Devido a essa nova actividade do ensino primário, os fabricantes dos projectores de animatógrafo, em França, teem produzido pequenos aparelhos de projecção especiais para as escolas, como o *Cineo* e o *Educateur*, para só falar dêstes.

Na Alemanha também se estão fabricando projectores muito aperfeiçoados, cujo nome indica que são destinados às escolas, como, entre outros o *Schulkino* de diversas firmas, o *Magister* e o *Professor* da afamada casa Ernemann, que já se acham à venda nas casas de produtos fotográficos em Lisboa. Vem a proposito dizer que a criação destes dois últimos modelos foi provocada pela minha pessoa, em 1920, com a troca de correspondência entre mim e a fábrica, àcerca dum

aparêlho portátil que eu, como superintendente das escolas municipais de Macau, pretendia adquirir para as mesmas, visto que os pequenos projectores de «films» que figuravam no catálogo da casa em questão não tinham dispositivo para as projecções fixas, que uma vez por outra também são precisas.

A vulgarização da cinematografia na América do Norte deu lugar a que algumas fábricas da grande república produzissem vários modelos de projectores portáteis, objectos êstes que são lá considerados hoje como indispensáveis no material didáctico duma escola.

O *film* pedagógico tem um grande futuro, como se vê.

Actualmente está-se fazendo entre nós grande propaganda dum pequeno projector—o *Pathé Baby*—destinado às famílias, o qual exhibe fitas especiais de dimensões reduzidas num pequeno «écran». A primeira experiência realizada numa escola de Lisboa, por mim, a pedido dos meus colegas Silva e Moreno, provou-nos que, devido às pequenas dimensões do «écran», tal aparelho é deficiente para uma escola regularmente frequentada. Acho preferível nas escolas projectores portáteis, sim, mas para fitas de formato de teatro, isto é, de dimensões universais, não só por permitirem imagens nítidas num «écran» com mais dum metro quadrado, mas ainda por exhibirem qualquer pelicula de todas as proveniências.



Relativamente ao campo industrial, à manufactura de objectos úteis produzida pelo cinema, quero citar, por exemplo, o fabrico do arame, que

vi exibido nos tópicos dum jornal cinematográfico. Aparecia, em primeiro lugar, o vazamento do cobre derretido junto dos fornos. Em seguida viam-se os pilões, batendo o metal, até o achatar em folhas da espessura desejada. Depois, uma máquina cortando as folhas em espiral, para produzir o fio. Por fim, outra máquina que adelgaçava e arredondava o arame, reduzindo-o ao justo calibre e enrolando-o ao mesmo tempo. Duma maneira sucinta, como se vê, o cinema cobria a história do fabrico.

Nada mais simples nem mais intuitivo para revelar às crianças a fabricação dum artigo de tantas aplicações vulgares !

Já agora quero também referir-me a outro tópico que vi no mesmo *film* de actualidades. Tratava-se da criação das galinhas, em grande quantidade, por meio de chocadeiras, com todos os cuidados científicos e higiênicos.

Excelente lição de riqueza para o povo !

No domínio científico, então, os *films* pedagógicos podem levar as crianças a presenciar coisas estupendas, como, por exemplo, o nascimento duma mosca, o combate do polvo com uma enguia, a formação dos cristais, o crescimento e a fecundação duma flôr, etc.

É a cinematografia dos infinitamente pequenos !

Ver no cinema, por exemplo, uma gota do sangue do rato infestada de tripanosones da doença do sono ; uma batalha no sangue atacado de febre recorrente : spirochetes contra hématies, etc. Verdadeira revelação dum mundo novo !

Enveredando para o campo da medicina, o *film* pedagógico tem uma alta importância. Vejam-se, por exemplo, os *films* onde se exibem as operações

cirúrgicas ou aqueles onde se vê o funcionamento dos órgãos humanos, filmados com auxílio dos raios de X.

Em conclusão, o *film* pedagógico oferece um vasto campo de exploração educativa.



Ainda um pouco mais sôbre as maravilhas científicas do cinema.

O desconhecido, o misterioso fundo do mar já hoje se pode ver reproduzido pelo cinema, com toda a verdade, com toda a beleza da sua flora encantadora.

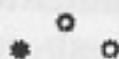
Deve-se esta invenção a dois americanos, os irmãos Ernesto e Jorge Williamson, que se lembraram de colher para o cinema as visões submarinas, aplicando o material que seu pai Carlos Williamson havia inventado para apanhar esponjas, pérolas ou tesouros engolidos pelas aguas durante os naufrágios.

Com efeito, um extenso tubo de ferro, saindo do fundo dum navio, permite ao operador descer por êle até uma «cabine», onde através duma janela revestida dum espêssô vidro de cristal pode filmar a zona do fundo do mar, que uma série de lâmpadas eléctricas de *Cooper-Hewitt* (tubos de vapores de mercúrio) equivalente a vinte mil velas, fortemente ilumina.

E eis aqui como o cinema coloca ao alcance de toda a gente as visões fabulosas que Júlio Verne reservava aos passageiros do seu imaginário *Nautilus*.

A cinematografia das visões submarinas encheu

de assombro os estudiosos das universidades norte-americanas. Por outro lado, o grande público, aquele público que só vai ao teatro para se impressionar com emoções fortes, ficou espantado, não por ver apenas o fundo do mar, mas por presenciar dramas fantásticos no seio do oceano, como o combate terrível dum homem com um cetáceo. Esta scena real, autêntica, deveras impressionante, foi apanhada pela cinematografia submarina nas águas do arquipélago do Hawaii, no Pacífico, onde um nadador, armado dum punhal, travou luta com um enorme tubarão que o pretendia comer !



Para se ensinar a física e a química nada mais natural e intuitivo do que fazer as experiências com os próprios aparelhos.

Mas nas nossas escolas primárias ainda não existem gabinetes bem providos de material para as demonstrações da física e da química. Além disso, experiências há que são difíceis de executar; outras são perigosas. O cinema escolar pode, portanto, preencher esta lacuna. De resto, o *film* pedagógico tem mais utilidade para o ensino da física e da química, do que os aparelhos, quando fôr necessário examinar melhor certos fenómenos, que os olhos não apanham facilmente, como os movimentos muito lentos ou demasiadamente rápidos. É que com a vantagem dos *films* corridos em velocidades diferentes apanham-se facilmente êsses movimentos.

Efectivamente, as leis da queda dos corpos, por exemplo, são apenas confusamente postas em evidência pela máquina de Atwood ; mas reproduzindo a experiência no « ecran », se a projecção

for mais lenta do que a tomada das vistas, o aluno tomará perfeitamente conhecimento da aceleração progressiva da queda.

Pelo contrário, os fenómenos muito lentos, de movimentos quasi imperceptíveis, que demoram muitos dias a fazer-se, podem ser observados nalguns minutos apenas, como a formação dos cristais, as metamorfoses dum insecto, o desenvolvimento dum embrião, se o registo cronofotográfico tiver sido devidamente espaçado.

Enfim, o cinematógrafo até hoje já foi, segundo me consta, aplicado com successo à educação dos surdos-mudos e ao tratamento dos gagos.

Tal é, na verdade, o valor do *film* pedagógico !

VI

Invenções que tendem a aproximar da realidade a ilusão do espectáculo cinemato-gráfico.

Como se poderão espalhar economicamente os beneficios educativos do cinema pelos diversos estabelecimentos de ensino, incluindo todas as nossas escolas primárias ?

De descoberta em descoberta, chegou-se à fotografia. De progresso em progresso a fotografia antingiu o cinema. E êste, por sua vez, de conquista em conquista, caminha para a reprodução fiel da vida real. Vai assombrando o mundo, cada vez mais, pelos requintes das produções, pelos prodígios da Arte.

Na ânsia de atingir a perfeição, já se não procura sómente representar no «ecran» os variados fenómenos da natureza, a preto e branco, ou colorindo a fita com uma tinta geral para nos dar a ilusão de scenas nocturnas, de poentes, do fôgo. Quere-se mais, cada vez mais. Pretende-se chegar, pelo cinema, à representação real das coisas, não só com os movimentos, mas também com as côres naturais que as distinguem e os sons que lhes dão vida.

Será isso possível ?

Tudo indica que sim. As invenções vão em marcha para atingir o fim—a suprema perfeição.

No futuro, pois, graças ao cinema, os espectáculos teatrais desenrolar-se hão no plano do

«ecran», com toda a magnificência das côres do scenário, com toda a riqueza e brilho da indumentária, com toda a beleza e harmonia da música e dos cânticos dos coros, com todo o encanto e perfeição da declamação das «estrêlas» !

Por outro lado, as mais belas vistas panorâmicas, as paisagens mais encantadoras do globo, poderão ser observadas, em toda a parte, pelo espectador còmodamente sentado num «fauteuil» com o colorido que as caracteriza, com os movimentos que as animam, com os sons que as alegrem, nesta espécie de pintura viva que será a projecção cinematográfica.

Aos fenómenos naturais, quando desenrolados no «ecran», não faltarão também a côr e os sons que, ao presenciá-los, nos sensibilizam.

Enfim não haverá motivo para continuar a chamar à cinematografia a arte do scilêncio.

• •

Numerosas teem já sido as tentativas no domínio da sciência para combinar as duas maravilhosas invenções de Edison—o animatógrafo com o fonógrafo.

Contudo, até há pouco, nada de prático e satisfatório se havia realizado nesse sentido. Fazia-se funcionar o projector e o gramofone simultâneamente, mas não se conseguia o sincronismo perfeito da visão e do som.

De vez em quando, as revistas científicas estrangeiras traziam-nos a notícia duma invenção qualquer que parecia resolver o problema, mas, sabidas bem as coisas, o novo processo não passava duma mera utopia.

Sucedo, porém, que um dos últimos números da revista americana de cinematografia—*The Moving Picture World*—insere a notícia sensacional de que os *films* falantes do dr. Lee de Forest foram recentemente exibidos, com resultados muito satisfatórios no *Rivoli Theatre* de Nova York.

Nestes «fonofilms», segundo li na mesma revista, a reprodução dos sons obedece a um princípio inteiramente diferente do gramafone e do radiofone. É que na invenção do sr. Forest as vogais são transformadas em vibrações eléctricas e as vibrações eléctricas transformam-se em ondas luminosas, as quais são fotografadas na margem do *film* em que se impressionam as imagens respectivas. Ao projectar o assunto da fita, o registo destas ondas luminosas, passando simultaneamente através de outro aparelho, produz vibrações eléctricas e estas transformam-se em vibrações vocais, reproduzindo assim a voz do orador ou os sons dos instrumentos músicos, segundo as impressões que se tiverem obtido.

A praticabilidade desta maravilhosa invenção parece, pois, estar assegurada. E eis aqui como a sciência consegue tornar o cinema falante.



Quanto à cinematografia das côres naturais, não tem sido também menos numerosos os sistemas inventados para conseguir no «ecran» a reprodução das imagens dos objectos que lhes são peculiares, por um processo prático mais perfeito e menos penoso do que o da pintura da fotografia, muito usado até hoje nas fitas da Companhia Paté.

Vejamos até que ponto se alcançaram já resultados para a realização do *film* com as côres naturais. Pondo de parte a substância sensível à luz que os irmãos Lumière inventaram e aplicaram nas chapas autocromáticas, pondo-se de parte, repito, por essa substância não apresentar na ampliação a fusão das côres, mas apenas um mosaico policromo, devido à fécula da batata que entra na emulsão—recorreu-se ao princípio da tricromia, cujo processo já se acha consagrado nas artes gráficas.

Ora a revista cinematográfica, a que aludi, refere-se a uma outra fita em côres naturais, exibida recentemente na América, fita que foi muito elogiada pelos críticos de Além-Atlântico, mas nada nos diz àcerca do princípio em que assenta o processo das côres.

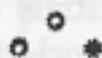
Das invenções já conhecidas até hoje fôram o processo de Urban-Smith, usado sob o nome de *Kinemacolor*, e o sistema de M. Gaumont, conhecido pela designação de *Chronochrome*, os que conseguiram ser explorados comercialmente.

Todavia, reconhece-se que teem muitos defeitos, que estão longe de dar resultados práticos satisfatórios, embora a fita do *Durbar*, tirada em 1911, na capital da Índia Britânica, seja uma honra para o primeiro, e a do *Desfile da Victória*, apanhada nos Campos Eliseos, em 14 de Julho de 1919, uma glória para o segundo.

O método de Gaumont pode considerar-se um aperfeiçoamento do sistema de Smith. Naquele a fita negativa apanha, de cada vez, um grupo de três *clichés*, sendo as côres dos objectos filtradas através de três vidros com três côres diferentes, reputadas como complementares das três côres básicas do aspecto solar. Na projecção a luz

passando, de cada vez simultâneamente, por três vistas da fita positiva, correlativas dos três *clichés* da negativa, e através de três vidros diferentemente coloridos com três côres consideradas básicas, converge no mesmo plano do «ecran», sobrepondo as imagens e fundindo as côres, numa pancromia, cuja gama nos dá todos os detalhes do colorido natural dos objectos.

Máquinas especiais são precisas tanto para apanhar as vistas como para as projectar. A divulgação do processo de Gaumont, torna-se por isso, difícil.



O princípio dos sistemas de Smith e de Gaumont parece ter sugerido a um inventor inglês, cujo nome não me ocorre agora, a teoria de outro processo mais perfeito e muito mais exequível sob o ponto de vista comercial. Baseado como aqueles na tricromia, teria a vantagem de apresentar a fita automaticamente colorida, por assim dizer, sem haver precisão de se projectar, de cada vez, três *clichés*, através de três vidros coloridos, podendo, por isso, usar-se nos projectores vulgares.

Este método, que é muito racional, representa talvez a solução do problema. Segundo as reminiscências que ainda conservo na memória, dum artigo sôbre o assumto que li na revista inglesa *The Conquest*, vou tentar desenvolvê-lo para compreensão dos leitores, não me parecendo descabido aqui por se tratar duma invenção que pode revolucionar o ensino.

Vejamos. O cinematografista munir-se-ia dum

aparêlho de filmar com uma disposição prismática adaptada á objectiva, que permitisse triplicar as imagens, distribuindo-as por três planos diferentes, nos quais se ajustariam filtros com as côres complementares das três côres básicas, isto é, num plano um vidro violeta, no outro verde, e no último côr de laranja. Uma tal disposição prismática evitaria que nas imagens próximas da máquina se produzissem as deformações das côres que são inevitáveis no sistema das três objectivas empregadas por Gaumont.

Depois, na câmara de filmar, um sistema de relojoaria faria passar, simultâneamente, três fitas negativas sôbre os três filtros das côres para apanhar as imagens correspondentes.

Colhidas dessa maneira as vistas, a impressão dos *clichés* análogos das três fitas negativas far-se-ia numa só fita positiva, tirando cada uma por sua vez, duma maneira semelhante ao processo grafico da tricromia. Mais explicitamente falando, o primeiro *cliché*, relativo às imagens amarelas, imprimia-se e fixava-se, usando, por exemplo, os sais de « vanadium » na emulsão da fita; em seguida, com a fita novamente emulsionada com sais de cobre, impressionava-se e fixava-se o segundo *cliché*, para as imagens vermelhas ; e por último, com a fita outra vez emulsionada com sais de ferro, o terceiro *cliché* concernente às imagens azuis.

Indubitavelmente, obtinha-se assim um *film* positivo, autocromático, com a síntese das côres, do mesmo modo que se consegue fazer, pela impressão sobreposta de três gravuras, uma estampa lindamente colorida com a devida gradação e harmonia do colorido. Este processo não está apenas destinado a aperfeiçoar os *films* do cinema;

poderá revolucionar também a fotografia vulgar quando empregado para colorir automaticamente o papel dos retratos.

Ignoro se a arte cinematográfica já emprega tal processo ou outro idêntico. A questão está apenas, parece-me, no aperfeiçoamento da óptica dos aparelhos e no refinamento das emulsões dos *films* para produzir imagens, exactas e côres puras.

Oxalá que os físicos descubram um sistema prismático assás luminoso que permita triplicar devidamente as imagens, e que os homens dos laboratórios aperfeiçoem as reacções químicas das emulsões das côres, para facilmente se vulgarizar essa verdadeira pintura animada.

Finalmente, para termos no «ecran» a ilusão da vida real, basta juntar à cinematografia das côres naturais o processo dos «fonofilms» que reproduz os sons.

Quando a perspicácia dos homens alcançar essa grande vitória científica, o espectáculo cinematográfico, além de revolucionar o teatro, divulgará duma maneira assombrosa os conhecimentos humanos, convertendo-se, a par de divertimento, no melhor educador dos povos, na maravilha das maravilhas !



Convém agora saber como se poderá, desde já, espalhar, economicamente, os benefícios educativos do cinema por todas as nossas escolas primárias e outros estabelecimentos de ensino oficial.

Na minha opinião, o que, para o conseguir, é necessário fazer-se, será muito simples e não custa muito dinheiro.

Basta criar, em primeiro lugar, junto do Mi-

nistério da Instrução, um *Arquivo Central de Films Pedagógicos* ou como lhe queiram chamar, destinado a comprar, guardar e emprestar aos estabelecimentos de ensino dependentes do mesmo Ministério as colecções de *films* educativos que lhe forem requisitadas. A' testa do arquivo não estaria anichado um parasita qualquer, sem zêlo nem competência para tais funções, mas um conservador, de reconhecido merecimento, como técnico em assuntos desta natureza, devendo ser ajudado pelo pessoal menor julgado necessário para o serviço.

As colecções de *films* educativos destinadas ao Arquivo iam-se adquirindo, a pouco e pouco, no país e no estrangeiro, pela verba do material, devidamente aumentada para isso.

Quanto aos projectores, o ideal seria haver um em cada escola, para os professores darem frequentes exhibições. Mas, não sendo possível ao Govêrno fornêcê-los a todas, bom seria que houvesse um, pelo menos, nas escolas da sede de cada concelho, ao cuidado da Junta Escolar. E as Juntas Escolares podiam já comprá-lo com o produto de festas, donativos particulares ou récitas infantis.

Sendo bom e conservando-se bem, o projector pode durar muito tempo. Um "Magister" ou um Kinox, de Ernemann por exemplo, como eu possuo, é magnífico para as escolas e relativamente barato. Não obstante o último ser um modelo portátil, de reduzidas dimensões, a sua lâmpada e a óptica permitem cobrir um «ecran» com cêrca de um metro e meio de largura.

Para pôr êste projector a funcionar, basta ligar a lâmpada à corrente da iluminação eléctrica da escola.

Nas localidades onde ainda não há luz eléctrica, também se pode utilizar com acumuladores previamente carregados na central eléctrica mais próxima e até mesmo no dinamo dum automóvel. Como a lâmpada do projector em questão tem apenas seis *volts*, é suficiente para alimentar uma bateria de acumuladores Dinin ou Tudor, por exemplo, com esta baixa voltagem de sessenta a setenta e cinco *ampéres*. Mas a chamada «Bateria de Edison» que se emprega nos bons automóveis para fornecer electricidade aos faróis ainda é melhor. A fabrica do Kinox fornece para este aparelho o acumulador "Vag".

Melhor do que o Kinox é o «Magister», da casa Ernemann, de Dresden, aparelho de projecção onde se emprega uma lâmpada especial de mil e duzentas velas, podendo, por isso, cobrir um «écran» quasi igual ao dos teatros, e que tem, além disso, um dispositivo para as projecções fixas e segurança contra o fôgo. Mas é mais volumoso e custa, pelo menos, o dôbro do primeiro.

Os projectores de lâmpada tem, para as escolas, a grande vantagem de não oferecerem o perigo de incendiar as fitas, podendo, portanto, empregar-se sem a «cabine» de segurança que as autoridades exigem para os aparelhos de arco voltaico.

Com estes aparelhos e *films* educativos, poderia realizar-se nas escolas das sedes dos concelhos, todos os domingos ou nos dias do mercado semanal, das 12 às 14 horas, uma sessão cinematográfica, destinada aos alunos das escolas das freguesias situadas fora de séde do concelho.

Se a sala os não comportasse todos, alternava-se a vinda, por grupos de escolas, ou por sessões.

O dia do mercado semanal, parece-me ser o mais conveniente, para as crianças virem, no longo caminho, acompanhadas pelos pais que ordinariamente aproveitam tal dia para ir à sede do concelho, como se sabe.

Depois, à escola ou grupos de escolas situadas demasiadamente longe, tão longe, que a vinda dos alunos à sede do concelho se tornasse penosa para as crianças, emprestava-se o projector e os films, para se darem sessões durante a semana, uma vez por outra.

De resto, nas cidades, vilas e aldeias mais importantes do país, onde já existem animatógrafos, as Juntas Escolares podiam perfeitamente promover desde já que as empresas dos mesmos dessem «matinéés» exclusivamente destinadas para a população escolar, e a preços reduzidos, quando não pudessem ser gratuitas, exibindo, é claro, fitas de moral sã, de vulgarização industrial e de actualidades, por onde se possam conhecer, principalmente, os costumes e as lindas paisagens do nosso belo país e das suas ricas colónias.

Evite-se, porém, proíba-se mesmo, a exhibição de fitas dissolventes, como os *films* de séries com aventuras inverosímeis e as comédias burlescas de moral duvidosa.

Pedagógicamente, o teatro e o cinema devem ser considerados como um meio de cultura e moralização dos povos.
